

Rocca di Papa, 24 de outubro de 1978

Como amar o irmão - Parte I

O caminho para chegar a Deus

Deus proporciona a cada homem que o procura uma maneira de encontrá-lo. E muitas vezes cada um deles está convencido de que o seu modo é o caminho mais breve para alcançá-lo.

Acho que ninguém conseguiria fazer com que Santa Teresa de Ávila duvidasse de ter descoberto a via mais direta para chegar a Deus. De fato, ela diz que se alguém quiser encontrar Deus, deve procurá-lo lá onde Ele está: no centro do seu coração. São Francisco chega até Ele através da natureza. O seu canto, que na sua intenção abraça o cosmo, exprime o conceito que ele tem de Deus: o Criador, o Pai de tudo o que existe; por isso, os animais e as flores, o sol, a lua e as estrelas, homens e mulheres são todos irmãos e irmãs.

Seria interessante - e os discípulos dos santos sempre procuraram fazê-lo – conhecer, um por um, os caminhos que Deus abriu até os nossos dias para chegar a Ele. Mas vejamos o nosso caso. Todos sabem que, quando Deus me chamou para me consagrar a Ele para sempre, o fascínio daquele chamado, o entusiasmo que me inundava pelo fato de que tinha desposado Deus, era tão extraordinário e sublime que jamais teria desejado que qualquer pessoa ou coisa quebrasse o encanto daquele "tu a tu" com Deus. Se naquele dia me tivessem dito que outras pessoas me seguiriam, se me tivessem revelado que iria surgir um Movimento, tenho a impressão de que algo divino, inexprimível, teria se rompido.

Mas logo Deus me esclareceu, como somente Ele sabe fazer, que amá-lo significava amá-lo nos irmãos, em todos os irmãos do mundo.

Deus tem um conceito inexprimível do homem.

Em 1949 eu escrevi: «O Pai, Jesus, Maria, nós. Por nós, o Pai permitiu que Jesus se sentisse abandonado por Ele. Por nós, Jesus aceitou o abandono do Pai e se privou de sua Mãe. Por nós, Maria participou do abandono de Jesus e aceitou a privação do Filho. Portanto nós fomos colocados em primeiro lugar. É o amor que faz estas loucuras. Assim também nós, quando a vontade de Deus o exigir, devemos deixar o Pai, Jesus, Maria, pelo irmão».

Deste modo o próximo ocupou o seu lugar no nosso coração.

Mas «quem perde, encontra» (cf *Mt* 10, 39) e logo entendemos claramente que o próximo não devia ser amado por si mesmo, mas que nele deveríamos amar Cristo. Jesus disse: «...Cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos - e significa todos -, a mim o fizeste» (*Mt* 25, 40). O nosso modo precedente de considerar e amar o próximo mudou completamente. Se Cristo de algum modo estava presente em todos, não podíamos fazer discriminações nem ter preferências. Desmoronaram todos os esquemas intelectuais que classificam os homens: compatriota ou estrangeiro, ancião ou jovem, bonito ou feio, antipático ou simpático, rico ou pobre. Cristo estava por trás de cada um, Cristo estava em cada um.

Vivendo assim, percebemos que o próximo era para nós o caminho para chegar a Deus. Ou melhor, o irmão era semelhante a um arco sob o qual era necessário passar a fim de encontrar Deus.

Nós o experimentamos desde os primeiros dias. Como era grande a união com Deus, na oração ou no recolhimento, após tê-lo amado o dia inteiro nos irmãos! Quem nos dava aquela unção, aquela consolação interior tão nova, tão celestial, a não ser Cristo que vivia o «dai e vos será dado» (*Lc* 6, 38) do seu Evangelho? Nós o tínhamos amado o dia inteiro nos irmãos e agora Ele nos amava.

Como nos foi útil este dom interior! Eram as primeiras experiências da vida espiritual, da realidade de um Reino que não é deste mundo, desta terra!

Vínculo entre amor de Deus e amor ao próximo

A nossa experiência, portanto, nos diz que o amor ao próximo provém do amor a Deus - porque o amamos por Deus - mas o amor a Deus nasce no coração porque amamos o próximo.

Desde o início do Movimento soubemos que existe um vínculo entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Iginio Giordani para explicar o nosso caminho, empregava o trinômio: Eu - o irmão - Deus. Gregório Magno fala da relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo de modo magistral, usando também ele um exemplo muito familiar para nós: o da pequena raiz e da planta. Ele diz: «Os preceitos da caridade são dois, isto é, o amor a Deus e o amor ao próximo. Do amor a Deus nasce o amor ao próximo; e o amor ao próximo alimenta o amor a Deus. Porque quem se descuida do amor a Deus, não é capaz de amar o próximo. Poderemos progredir muito mais no amor a Deus, se antes, no seio do seu amor, formos alimentados com o amor ao próximo. Já que o amor a Deus gera o amor ao próximo, Deus, antes de dizer a Lei: “Amarás o teu próximo” (Mt 22,39), antepôs: “Amarás o Senhor teu Deus”, (Dt 6, 5). Deste modo, no terreno do nosso coração, Ele plantou primeiro a raiz do amor para com Ele e depois desenvolveu-se, como árvore, o amor fraterno. Também São João afirma que o amor a Deus está ligado ao amor ao próximo quando diz: “Quem não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê” (1 Jo 4,20)»¹.

E Isidoro de Sevilha sublinha: «A caridade consiste no amor a Deus e no amor ao próximo... Quem se separa da comunhão fraterna, não participa da caridade divina»².

É do Cura d'Ars esta frase: «Nunca se esqueçam de que, durante todo o tempo em que vocês não amam o próximo, o bom Deus está enfurecido com vocês...»³.

São João da Cruz constata: «Quando o amor que se tem pela criatura é um afeto todo espiritual e está alicerçado somente em Deus, à medida que cresce, cresce também o amor a Deus em nossa alma; nesse caso, quanto mais o coração se lembra do próximo, mais se lembra de Deus e o deseja. Estes dois amores crescem concorrendo cada um para o crescimento do outro»⁴.

Estas palavras foram transcritas por Santa Teresa de Lisieux atrás de uma pequena imagem para uma noviça que temia amar excessivamente a sua mestra de noviciado.

É esplêndido o que padre Dhanis diz sobre o amor ao próximo, visto como um «transbordar» do amor de Deus sobre o homem. Exprime o mesmo modo de pensar do nosso Movimento. Diz: «Se nos perguntarmos de que maneira Jesus considera a estreita união entre a caridade fraterna e o amor a Deus, é preciso responder que Ele interpretou a caridade fraterna como um transbordar do amor de Deus. Ele quis que os seus discípulos colocassem, se é possível dizer assim, os próprios corações em uníssono com o do Pai celeste e que, desta forma, o amor deles para com Deus se estendesse àqueles que Deus ama como seus filhos... São João exprimiu isto na fórmula tão rica de significado: “Todo o que ama Aquele que gerou ... ame também aquele que dele nasceu...”.

«Um dos aspectos profundamente confortantes da figura da Igreja atual - diz ainda padre Dhanis - na crise que a abala ... é, em muitos fiéis, uma compreensão, de certo modo renovada, da prioridade que deve ser dada, na vida cristã, ao amor a Deus e ao próximo. Esta renovação deu-se na exegese, na teologia moral e na teologia espiritual. Trata-se de uma realidade intensamente vivida em institutos e movimentos religiosos, nos quais sabe-se perfeitamente que o amor cristão autêntico não pode se realizar sem a cruz de Jesus; mas nesses movimentos reina - justamente por isso - uma alegria que já faz pensar

¹ Cf GREGORIO MAGNO, "Moralia o Esposizione sul libro del S. Giobbe", 1.7.28, "Gb" 24,14, PL 75, 780-781.

² ISIDORO DI SIVIGLIA, "Sentenze", II, 3,7, PL 83, 603.

³ Cf CURATO D'ARS, "Scritti scelti", Roma 1975, p. 114

⁴ GIOVANNI DELLA CROCE, "Maximes et avis spirituels", 129, I, p. 409, cit. da P.Descouvemont, "Teresa di Lisieux e il suo prossimo", Roma 1977, p. 226.

no céu»⁵. Quando escreveu isso, o autor pensava - como coloca em uma nota - nos Pequenos Irmãos de Foucauld e nos Focolarinos.

Num editorial de «La Civiltà Cattolica» entre outras coisas, procura-se aprofundar a distinção e o nexos que existe entre os dois mandamentos: amar a Deus e amar o próximo. O amor a Deus e o amor ao próximo - está escrito - «eram conhecidos pelos contemporâneos de Jesus, porque são mencionados no Antigo Testamento (*Dt 6, 5; Lv 19, 18*). Aquilo que caracteriza Jesus é a grande importância que Ele dá a estes dois mandamentos em relação aos demais e o nexos que estabelece entre eles, fazendo dos dois um só mandamento com duas faces e colocando no amor a Deus o fundamento do amor ao próximo.

Jesus dá prioridade ao amor a Deus. ... Ele deve ser amado com absoluta totalidade, isto é: “Com todo o coração, com toda a alma e com todo o entendimento”... (*Mt 22,37*). É do amor pelo Pai que jorra em Jesus o amor pelos homens, a vontade de sacrificar-se por eles. Com efeito, estando para enfrentar a paixão e a morte, Jesus diz: “Para que o mundo saiba que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou, levantai-vos, partamos daqui” (*Jo 14,31*)»⁶.

Chiara Lubich

⁵ Cf E. DHANIS, "Le message évangélique de l'amour et l'unité de la communauté humaine", in "Nrt", febbraio 1970, p.186-188.

⁶ Cf "Amore di Dio e amore del prossimo", in *La civiltà cattolica*, 3053, 3 settembre 1977, p. 346-347.